



GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenador/a, Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenador/a

Este GT d? continuidade h? um debate iniciado em 2015, que respondia a tr?s distintas ordens de problemas: a dimens?o ?tica da dor, as t?cnicas de governo e a escrita etnogr?fica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes s?o esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articula?es entre t?cnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu vi?s anal?tico ? o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como ?dor?, ?sofrimento?, ?sofrer?; os desafios metodol?gicos ? como fazer etnografia de/em situa?es de sofrimento?; e suas composi?es ?ticas - at? onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaix?o desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condi??o comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribui?es que, independentemente de v?nculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a for?a ?tica produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espa?o ? for?a produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e popula?es govern?veis. E, de outro lado, n?o se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de an?lise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

Dos fragmentos pelos quais se tece uma etnografia: as habilidades, artimanhas e t?cnicas de fazer ver e vasculhar corpos

Autoria: Larissa Nadai

Esta comunica??o toma como objeto de reflex?o alguns fragmentos por meio dos quais o IML me foi dado a ver, durante minha pesquisa de doutorado. A partir de uma constela??o de diferentes materiais dou carne ? pesquisa que fui, formalmente, impedida de realizar, mediante a nega??o de meu pedido de pesquisa analisado e indeferido pela Comiss?o Cient?fica do IML de S?o Paulo. A fim de driblar tais indeferimentos e rituais de autoriza??o, passei a correlacionar (ou melhor, conectar), por meio de uma etnografia multissituada (Marcus, 2001), aulas de medicina legal, v?deos, fotografias, slides, livros, necropsias e entrevistas que pude realizar ao longo de minha investiga??o. ? sobre tais procedimentos de pesquisa e de escrita etnogr?fica que se debru?a essa proposta de work. Busco, portanto, dar aten??o ?s formas pedag?gicas pelas quais fui incitada a aprender a ouvir, sentir odores e visualizar os corpos e seus peda?os, bem como aos desafios de escrita colocados a pesquisadores que se aventuram a lidar com tais contextos etnogr?ficos. Das distintas sensibilidades e aten??es colocadas a pap?is que perscrutam corpos vivos e estuprados, cad?veres estendidos em mesas de a?o reluzente e aulas de medicina legal, subleva-se minhas ?fic??es persuasivas? (Stratern, 2010). Todavia, o aprendizado destas t?cnicas de fazer ver e ensinar n?o ? imposto somente a pesquisadores. Antes, s?o habilidades, artimanhas e escrut?nios centrais ?queles que, como m?dico-legistas, exercem suas fun??es dentro do IML. Nesse sentido, se as sensorialidades ? ver, ouvir, sentir odores, tatear ? s?o indispens?veis a qualquer pesquisa de campo, s?o tamb?m aptid?es decisivas aqueles que, por oficialidade, est?o respons?veis pela produ??o de provas materiais. A fim de explorar tais conex?es, esta presente comunica??o utiliza-se dos meus pr?prios desconfortos frente a cad?veres e roturas himenais, para lan?ar luz ?s modalidades de conhecimento e governo destinadas a certos corpos, les?es e crimes. Al?m disso, ao unir esses diferentes fragmentos, sem buscar esconder as linhas e apetrechos de costura utilizados em meus alinhavos, intento desnudar um poderoso artif?cio e ardil forjado pelas t?cnicas de governo: os



efeitos necessários de fragmentação impostos a atuações e rotinas de work (Lugones, 2012). Em outras palavras, na contramão de uma escrita de denúncia ? contra a morosidade, falta, descaso ou violência empreendida pelas instâncias estatais ?, minha aposta é que as descrições etnográficas devem restituir vínculos, descrever hiatos, recolocar o sangue, as lágrimas, os odores e os incômodos engendrados por destrezas tais como: vasculhar, examinar ou perscrutar.



Realização:



Apoio:



Organização:

